

Muito além das siglas

Grasielle Castro e
Freddy Charlson

AS HOMENAGENS

Acreditem se quiser, mas Brasília não vive apenas de QNMs, SQNs, SMPWs ou QI isso, QI aquilo. Espalhadas por vários cantos do Distrito Federal também existem ruas, avenidas e espaços públicos com nome de gente. Uma gente ainda desconhecida para a maioria da população. Quer um exemplo? Que tal a famosa Avenida Hélio Prates, aquela que liga Taguatinga a Ceilândia? Ou, então, o Estádio Augustinho Lima, em Sobradinho? Aliás, quem foi o não tão famoso assim Hélio Prates? E quem foi o senhor Augustinho Lima?

Outros exemplos podem ser encontrados principalmente na Vila Planalto. A cidade é campeã em ruas com homenagens a pessoas pouco conhecidas. É a Avenida Israel Pinheiro, a Rua Alzira de Jesus e a Praça Nelson Corso. Cheia de nomes próprios era a nossa Ceilândia. Imagine que a Avenida Expansão do Setor O já foi chamada de Avenida Ayrton Senna. Já a Via NM3 era a Avenida Tancredo Neves. E, acreditem, a Avenida de Ligação Ceilândia Sul-Taguatinga era a cheia de conotações políticas Avenida Ulysses Guimarães, o Senhor Constituinte.

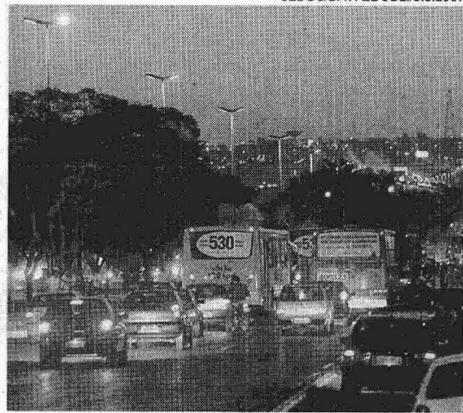
Mas, em Brasília, o carro-chefe das homenagens são mesmo as construções. É o Teatro Nacional Cláudio Santoro, por exemplo, com suas três salas, uma em homenagem ao compositor cearense Alberto Nepomuceno; outra que venera o também compositor Heitor Villa-Lobos; e a última, que prefere carregar o nome do dramaturgo Martins Penna. Na mesma linha, há um espaço localizado no Eixo Monumental, chamado Ginásio de Esportes Nilson Nelson, aquele que parece uma nave espacial e que fica no Centro Poliesportivo Ayrton Senna.

Há também nomes práticos

E uma cidade tão planejada quanto Brasília não poderia deixar de ter uma grande praça — mesmo que a acusem de não ter esquinas. No caso é a Praça Municipal (isso mesmo, Praça Municipal), também conhecida como Praça do Buriti, na frente do palácio do governo local. De acordo com o projeto original de Lúcio Costa, tal praça deveria abrigar a Prefeitura, a Polícia Central e a Assistência Pública, nomes inimagináveis para uma cidade tão moderna.

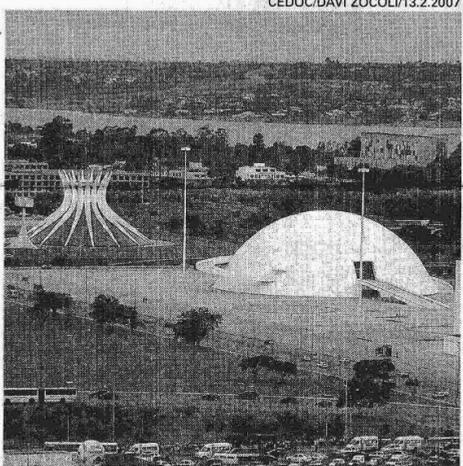
E embora seja uma cidade planejada e funcional, não é só de nomes práticos, como Rodoviária de Brasília, que a cidade é feita. O Jardim Zoológico de Brasília Sargento Silvío Delmar Hollenbach é um dos exemplos. Até 1996, ele era chamado apenas de Zoológico de Brasília. Há, ainda, o Museu Nacional Honestino Guimarães. E o Teatro Goldoni, que fica na Casa d'Italia. A casa abriga, ainda, o Teatro Adolfo Celi e a galeria de arte Lina Bo Bardi. O Teatro Funarte Plínio Marcos, Teatro Levino de Alcântara, que fica na Escola de Música de Brasília, e o Centro Cultural Rubem Valentim, do Cruzeiro Velho, também são alguns dos "famosos quase anônimos" que "andam" pela cidade.

Os conceitos de modernização das décadas de 1950 e 1960 foram implantados à risca em Brasília. E isso gerou uma cidade muito organizada e sem nomes. No mais, Brasília é setor de diversões, de bancos, de oficinas, de garagens, de indústrias, de hotéis, disso e daquilo. Pode até ser um tanto impessoal, mas, convenhamos, também é muito prático. E melhor ainda se a gente souber quem são os homenageados Brasília afora.



Avenida Hélio Prates

A Avenida Hélio Prates é uma via central que liga Taguatinga a Ceilândia. Seus 3,5 quilômetros recebem mais de 50 mil carros todos os dias. Por ser a via mais importante de Ceilândia, é palco de muitos acontecimentos, como o vaivém e a proibição da circulação das vans do Sistema de Transporte Público Alternativo (STPA) e a luta dos ambulantes pela posse da calçada que contorna a via. E o grande responsável pelo sucesso da via, é ele, Hélio Prates da Silveira. Na época da inauguração da via, o tão falado Hélio Prates era governador do DF e foi ele quem oficializou Ceilândia, em 1971. Preocupado com as invasões, que estavam em crescimento constante, ele solicitou a erradicação das favelas à Secretaria de Serviços Sociais. Foi criado, então, a Campanha de Erradicação das Invasões (CEI), que mais tarde virou Ceilândia.



Museu Nacional Honestino Guimarães

Inaugurado no ano passado, o Complexo Cultural da República João Herculino abrange o Museu Nacional Honestino Guimarães e a Biblioteca Nacional Leonel de Moura Brizola. O complexo, que tem 91,8 mil metros quadrados, foi a última obra realizada em Brasília que constava no projeto inicial da cidade elaborado por Oscar Niemeyer. João Herculino, que dá nome ao espaço, foi o fundador do Centro Universitário de Brasília (UniCeub). Já Leonel Brizola foi um influente político brasileiro. E Honestino Guimarães foi um líder estudantil, desaparecido em outubro de 1973, quando foi preso no Rio de Janeiro. Ele, que lutou bravamente contra a ditadura, foi presidente da Federação dos Estudantes da Universidade de Brasília (Feub) e duas vezes da União Nacional dos Estudantes (UNE).

TEATROS

Teatro Goldoni

Somente a Casa d'Italia abriga três personalidades. Carlos Goldoni, Adolfo Celi e Lina Bo Bardi. Goldoni é um escritor duplo. Literatura e peças de teatro fazem parte de seu currículo. Adolfo Celi, italiano como Goldoni, foi um famoso ator e diretor muito importante no teatro e no cinema brasileiros nas décadas de 1950 e 1960. Já a arquiteta italiana Lina Bo Bardi é autora das instalações do Museu de Arte de São Paulo.

Teatro Funarte Plínio Marcos

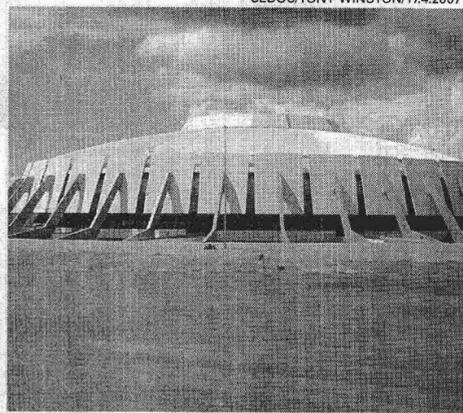
Plínio Marcos foi um escritor de peças teatrais e literatura. Uma de suas obras é *Uma repartagem maldita*, *Querô*, que, recentemente, virou filme com a direção de Carlos Cortez e foi premiado no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro nas categorias de melhor ator, melhor som, melhor direção de arte e melhor roteiro.

Teatro Levino de Alcântara, que fica na Escola de Música de Brasília

Levino de Alcântara foi professor do Departamento de Música da UnB.

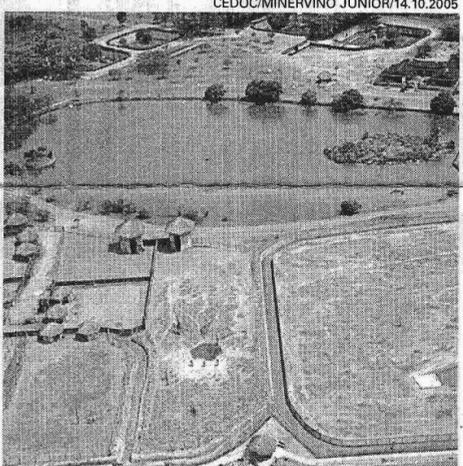
Centro Cultural Rubem Valentim, do Cruzeiro Velho

O baiano Rubem Valentim foi um artista abstrato geométrico, que criou uma nova linguagem a partir da simbologia do candomblé. O pintor e escultor construtivista desenvolveu sua obra a partir de 1960.



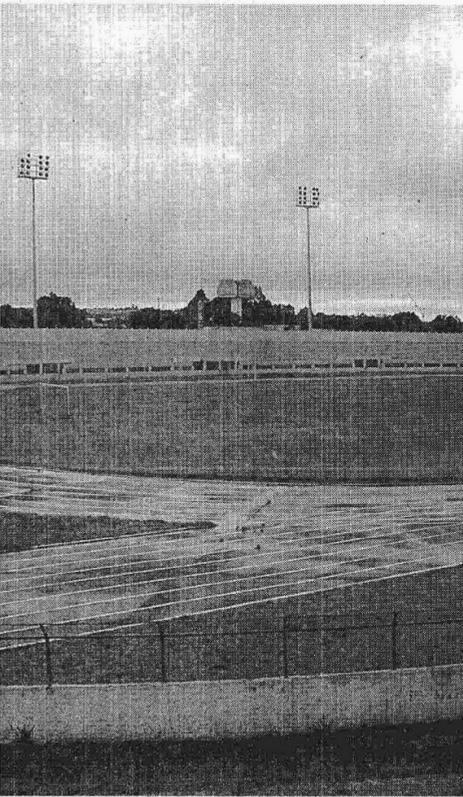
Ginásio Esportivo Nilson Nelson

O Ginásio Nilson Nelson é um dos pontos mais conhecidos da cidade. O que a maioria das pessoas provavelmente não sabe é que ele fica no Centro Poliesportivo Ayrton Senna. O ginásio foi criado em 1970 e tem capacidade para 22 mil pessoas. Ele costuma ser o palco principal de eventos culturais e esportivos que ocorrem na capital. Já recebeu a Seleção Brasileira de Vôlei, o Rebanhão (evento católico de Carnaval) e até mesmo os músicos da febre mexicana Rebelde. E tudo isso só aconteceu porque o jornalista Nilson Nelson lutou pela criação de ginásios em Brasília. Inclusive pelo que leva seu nome. Em 1967, ele, que nasceu no Rio Grande do Sul, se mudou para Brasília e começou a fazer reportagens esportivas. O curioso é que dentre todas modalidades, ele só não escrevia sobre futebol.



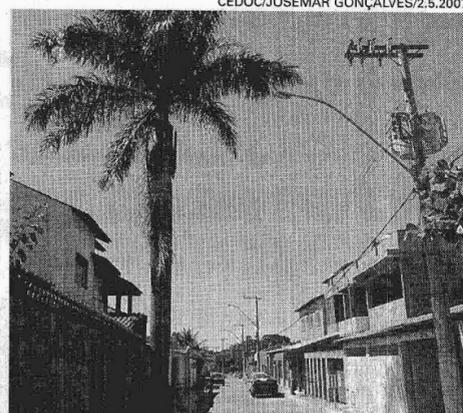
Jardim Zoológico de Brasília Sargento Silvío Delmar Hollenbach

O Zoológico foi inaugurado em 1957 com o nome de Jardim Zoológico de Brasília. Em 1996, o espaço, que ocupa uma área de 140 hectares, recebeu o nome de Jardim Zoológico de Brasília Sargento Silvío Delmar Hollenbach, em homenagem ao sargento. Em 1977, Silvío Hollenbach socorreu um menino que entrou no cercado das ariranhas. O garoto foi salvo, mas Silvío não resistiu às mordidas dos animais e morreu três dias depois, de infecção generalizada. Atualmente, o Zoológico recebe cerca de 600 mil visitantes por ano. Em seu plantel encontram-se aproximadamente 1.300 animais entre aves, répteis e mamíferos, num total de 253 espécies, destacando-se aqueles da fauna representativa da América do Sul, alguns sob ameaça de extinção.



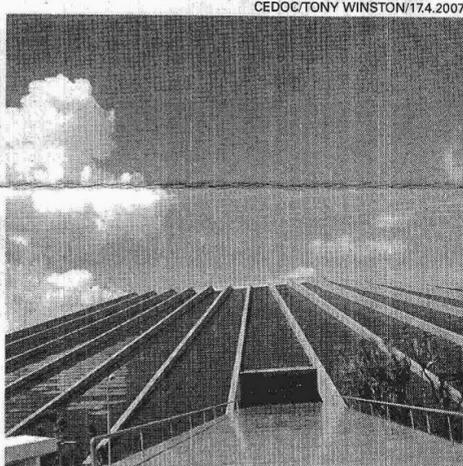
Estádio Augustinho Lima, em Sobradinho

O Estádio Augustinho Lima foi uma das conquistas do jornalista Nilson Nelson. O jornalista Augustinho Lima morreu em um acidente de carro na entrada de Sobradinho. O Sobradinho já foi campeão do DF, duas vezes, em 1985 e 1986, e, também, disputou jogos pelo Campeonato Brasileiro no bom e velho Augustinho Lima.



Vila Planalto

Na Vila Planalto, a maioria das ruas tem nome de gente. De vizinhos, de contemporâneos, de conhecidos. A nem tão famosa Dona Alzira tinha um restaurante que aceitava pagamento semanal. Na linguagem popular, a mineira de Patos de Minas "dava pensão". Nelson Corso, nome da praça, também foi um homem influente e conhecido pela comunidade. Sua esposa, Wanda Clementina Dias Corso, é responsável pelo nome do Conjunto Três Porquinhos, que são três construções que servem de centro comunitário. Ela, que é presidente da Creche Pioneira da Vila Planalto, achou que a construção lembrava três porquinhos. Já Israel Pinheiro, aquele da avenida, foi um político também responsável pela construção de Brasília e o primeiro administrador da cidade. Hoje, a Vila Planalto chama atenção pela tranquilidade e abriga em torno de 14 mil pessoas.



Teatro Nacional Cláudio Santoro

O desejo de passar uma sensação de leveza e peso ao mesmo tempo fez com que o arquiteto Oscar Niemeyer entregasse a Athos Bulcão o desafio de construir a estrutura do teatro de Brasília. Um nome à altura da obra foi o do compositor e maestro Cláudio Santoro. Mas esse nome só surgiu em 1989, quando o músico morreu. Até então, o nome era apenas Teatro Nacional. Santoro foi o fundador do Departamento de Música da Universidade de Brasília e também o primeiro maestro a reger uma orquestra no teatro. Isso foi na inauguração, em 1979, na Sala Villa-Lobos, que recebeu o nome em homenagem ao compositor Heitor Villa-Lobos, autor dos *Choros*, escritos na década de 1920. O teatro também homenageia o compositor Alberto Nepomuceno, considerado o pai do nacionalismo na música erudita, e o dramaturgo Martins Penna.